

para recriar o clima de tensão gerado por ameaça de excomunhão pelo papa Urbano VIII

# entre jesuítas e colonos



O padre Antonio Vieira e os índios: inspiração para a resistência no Maranhão

## A mão do historiador

O orientador da tese de doutorado de Joely Ungaretti Pinheiro foi o professor Fernando Novais, um dos mais importantes historiadores brasileiros. Entre suas obras está *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colônia (1777-1808)*, livro que resultou do seu trabalho de doutoramento e que se tornou essencial para a compreensão daquele período.

Nascido na cidade paulista de Guararema, em 1933, Novais graduou-se em história pela Universidade de São Paulo (USP), onde também realizou o doutorado e foi professor. Lecionou, ainda, por duas oportunidades, na Universidade do Texas, Estados Unidos. Em 1986, o professor se transferiu para o Instituto de Economia (IE) da Unicamp, onde ministra disciplinas no curso de pós-graduação.

Considerado um intelectual que escreve poucos livros para os padrões usuais, Fernando Novais justificou assim essa sua característica, numa entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*:

“Escrevo com dificuldade e, portanto, pouco. Há gente que escreve com facilidade e pode escrever muito. Ou não. Há uma compensação para isso: eu gosto do que escrevo. E não me arrependo. Aliás, tenho certa implicância com pessoas que renegam a obra. Acho que uma obra que alguém faz e que daqui a alguns anos diz não ter nada a ver com aquilo, é porque foi uma irresponsabilidade ter publicado”.

cífico do índio, o princípio era aplicado para escravizá-lo, sob duas justificativas: a recusa à conversão e a prática de atos hostis contra os portugueses.

“Ocorre que, não raro, os indígenas eram atacados e escravizados sob a falsa alegação de que haviam cometido alguma violência contra os portugueses ou negado o recebimento do evangelho”, afirma Joely.

Para a realização da pesquisa, a economista recorreu a uma vasta documentação da época, como correspondências, alvarás, decretos, leis etc. A maior parte das fontes manuscritas são oriundas de arquivos portugueses: Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo Nacional da Torre do Tombo e Real Biblioteca d’Ajuda.

No Brasil, a pesquisadora valeu-se, entre outros, de documentos pertencentes à Biblioteca Nacional, que fica no Rio de Janeiro. Uma das preocupações da autora foi tornar, na medida do possível, a grafia e a gramática do século XVII compreensíveis ao leitor da atualidade. O estudo contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).



A economista Joely Ungaretti Pinheiro: áreas estudadas formam hoje os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Maranhão

## Libertação mal-intencionada

Os índios só viriam a ser considerados livres no Brasil em 1755, após decisão da Coroa Portuguesa, que promulgou lei nesse sentido. A medida, ironicamente, representou uma derrota para a Companhia de Jesus no país, que durante 200 anos lutou pelo fim dessa escravidão. “A verdadeira intenção de um dos idealizadores dessa legislação, o Marquês de Pombal, era retirar dos jesuítas a administração da mão-de-obra indígena”, afirma a economista Joely Ungaretti Pinheiro.

Segundo a autora da tese de doutorado, com o progressivo enfraquecimento do poder exercido pela ordem religiosa, esta acabou sendo expulsa do Império Português em 1759 e extinta em 1773. “A grande contradição, nesse caso, é que a iniciativa de encerrar as atividades da Companhia de Jesus foi tomada por aquele a quem os missionários juraram obedecer, defender e apoiar: o papa, que à época era Clemente XIV”, observa Joely.

Mas o que deu errado no plano dos jesuítas? A autora explica que uma das características mais marcantes da Companhia de Jesus era seu caráter ambíguo. Ao mesmo tempo em que seus integrantes tinham um elevado senso de disciplina, organização e racionalidade, virtudes que lhes conferiam um ar de modernidade, a ordem religiosa também impunha aos padres a obediência irrestrita ao papa, princípio que denunciava o perfil conservador e centralizador de suas atividades.

“Foi esse organismo, que apresentava características tão controversas, que teve de se confrontar com a exploração e a colonização do Novo Mundo, sob a égide do Antigo Sistema Colonial. Essa combinação foi responsável, a um só tempo, pela ascensão e queda da ordem”, explica a economista.

Com a libertação dos índios, ganhou impulso a escravidão negra nas áreas estudadas por Joely Pinheiro. O fluxo de navios negreiros entre a África e



O Marquês de Pombal: esvaziando o poder dos jesuítas

o Brasil intensificou-se, em razão da necessidade de mão-de-obra para trabalhar majoritariamente no campo. Aqui, a pesquisadora faz um parêntese. De acordo com ela, não se trata de dizer que o indígena foi substituído pelo negro cativo.

“Na realidade, ambos foram submetidos ao regime de trabalho compulsório de forma simultânea. Ocorre que, inicialmente, a presença do negro em São Paulo, no Maranhão e no Rio de Janeiro, era menor, em razão de ser uma ‘mercadoria’ de alto custo. Ainda assim, alguns colonos mantiveram durante muito tempo índios e negros trabalhando lado a lado em suas propriedades”, esclarece.



## A ameaça velada

“(…) O Ministério do officio do supremo Apostolado a Nos cometido pelo Senhor, pede que parendonos estar a nosso cargo a salvação de todos, não somente com os Fiéis, mas também para com aquelles que ainda estão fora do grêmio da Igreja nas trevas da pagam superstição, mostremos efeitos de nossa paternal caridade e procuremos quanto podemos em o Senhor, tirarlhes aquellas cousas que de qualquer modo lhes podem servir de obstáculo quando são trazidos ao conhecimento da Fé e verdade christam.”

(Papa Urbano VIII)